



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR RASTO

Director
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composição e Impressão: Tip. «Vitória» — BARCELOS

O NOSSO MELHOR TESOURO

Pelo DR. FERREIRA BARROSO

EM 1143 nasceu, depois cresceu e no século XV e princípios do século XVI tornou-se um gigante, o nosso querido Portugal.

Teve por berço a Província do Minho e é filho do muito nobre e virtuoso D. Afonso Henriques. Protegido pelo braço forte do pai e dos seus sucessores, em breve passou da infância à adolescência e desta à juventude. Foi difícil este período da sua existência, pois pretendiam uns sufocá-lo após o nascimento e outros obstar a que se desenvolvesse, mas seu pai, dotado de espírito guerreiro e de inexcedível bravura, soube heróicamente e com invulgar amor paternal, assim como os seus descendentes, defendê-lo e fortalecê-lo.

Foi por vezes lento o seu evoluir, consequência de contrariedades que surgem sempre até que se atinja o maior desenvolvimento.

A sua liberdade esteve gravemente ameaçada em 1383-1385, em virtude duma grande crise política, mas o inegualável patriotismo dos portugueses, chefiados por homens valorosos como o Mestre de Aviz e Nuno Álvares, alcançaram, além de outras, a retumbante vitória em Aljubarrota, forçando o inimigo, que chegou a cercar a Capital, a bater em desordenada retirada.

Assegurada a independência, os portugueses não podendo expandir-se mais pela Península, vão fazê-lo, em luta com o Islamismo, pela África, pela Ásia, pela Oceânia e finalmente pela América, levando consigo a língua e a religião, ou seja a civilização cristã.

Os seus feitos assombra o Mundo e Portugal consegue atrair à civilização povos de raças, línguas e cores diferentes. Atingiu então o apogeu da sua grandeza. É este tesouro, que tantos sacrifícios e sofrimentos, com perda de muito sangue e de vidas, nos custou adquirir, que agora, decorridos séculos, pretendem tirar-nos. Serão vãs todas as tentativas porque os portugueses de hoje, como os de sempre, têm demonstrado, não obstante possuírem ideais e opiniões diferentes, não desmerecerem, no que respeita ao amor à Pátria dos seus gloriosos antepassados e, vendo-a em perigo, ou ameaçada qualquer parcela do seu território, sabem com persistência, com tenacidade e bravura defendê-la das arremetidas do inimigo, como sabem combater pelo Direito e pela Justiça, onde quer que seja, como o fizeram na Flandres.

Ciosos da sua liberdade e da paz em que vivem, prontificam-se a sacrificar a vida em sua defesa como se todos unidos fossem um só. Não se envolvem em lutas com outros povos senão para defesa própria ou de outros com eles afins, quando injustamente atacados e com os quais partilham as suas venturas e desditas; não consentem o menor ultraje e vibram em unísono, sendo ofendidos por malévola ignorância ou inveja dos que os atacam.

Os portugueses vivem em paz, paz e tranquilidade na qual só é possível trabalhar e progredir o que não sucede, infelizmente, com aqueles que os ameaçam, que oprimem e privam, pela força, outros povos de gozarem aquilo que o homem mais aprecia e até os próprios irracionais—a liberdade—pela qual tanto se tem sacrificado e sofrido.

Amam tão intensamente o que é seu, ou seja o tesouro que os seus antepassados lhes legaram, que para o conservar intacto todos os portugueses, onde quer que se encontrem, darão de bom grado a última gota do seu sangue. Se nas Nações Unidas os inimigos da nossa civilização pretenderam dividir-nos com falsas e aleivosas declarações para mais facilmente conseguirem os seus fins, enganaram-se, pois sucedeu precisamente o contrário, que foi unir-nos cada vez mais e é extremamente consolador o que se está passando em todos os lugares os mais re-

(Continua na página 2)

O Paço dos Duques de Bragança em Barcelos

Da secção «Dia a Dia...» do «Diário da Manhã» de 30 de Outubro e com o título que nos serve de epígrafe, transcrevemos, com a devida vénia, a nota que se segue:

O architecto Rogério de Azevedo — com a autoridade de que o seu nome se reveste, como restaurador do Paço dos Duques de Bragança na cidade de Guimarães — levanta o problema, no jornal Praça Nova, de idêntico restauro do Paço dos Duques de Bragança, mas na cidade de Barcelos. Na realidade, opondo-se ao conceito Romântico, segundo o qual «nada há mais belo que uma bela ruína» o architecto Rogério de Azevedo relembra elogiando a «megalomania sumptuária» do primeiro Duque de Bragança e novo Conde de Barcelos. Mais adiante recorda as tentativas várias para que o Paço de Barcelos fosse tirado da apagada e vil tristeza aruinada em que jaz há tempos imemoriais.

E termina o architecto Rogério de Azevedo com esta interrogação oportuníssima que muitos outros terão já feito: «Qual o temor, qual o escrúpulo, qual o perigo que haverá na reconstituição de tal Paço para que se dê finalidade prática a uma ruína que nem sequer para morada de mansas pombas tem servido?»

—)(—

Telegramas de protesto contra as acusações feitas na O. N. U., às nossas províncias ultramarinas

A Junta de Freguesia de Barcelos fez expedir telegramas de protesto a Suas Excellências os Senhores Presidente da República, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro do Interior e Ministro do Ultramar, pelas acusações feitas na O. N. U. por Delegados comunistas, contra a soberania portuguesa do Ultramar.

Visado pela Censura

O Progresso de Barcelos

É EM LISBOA

Por SELLÉS PAES

NO jantar de homenagem, tão restritamente vimaranense que nos obrigou a auto-exclusão, ao Eng. Duarte Amaral levado a efeito no último 29, houve, como sempre os louvores e os agradecimentos costumeiros. Tinha que ser: assim é sempre.

Por hábito de os ver, ou de os ler, não me impressionaram.

Outro tanto se não deu com uma afirmativa do tão justamente homenageado, afirmativa que, textualmente diz: *E' em Lisboa que se tem conseguido e conseguirá boa parte do progresso.*

Esta afirmação, e bem sabe o Eng. Duarte Amaral em que se funda para o dizer, impressionou-me, e mais, por a sua leitura ter coincidido exactamente com estadia minha por essa terra minhota, provinciana, parada, assustadoramente parada no tempo.

A afirmação do Eng. Duarte Amaral, a autoridade que tanto a credita, talvez mais que impressionar-me assustou-me pela evidência das perspectivas em que, ou frente às quais, me coloca, e colocando-me como ou na qualidade de barcelense, e nós coloca.

Posto o problema, e assim o temos que aceitar, como o define o Eng. Duarte Amaral, problema equacionado pelo seu profundo conhecimento das realidades, apresenta só duas soluções: ou vamos a Lisboa pedir, mendigar, solicitar, chorar o que é de justiça e importância vital para a vida da terra ou morremos ao abandono abafados pelas teias de aranha da arqueologia local.

Como perspectiva do futuro ela, cromáticamente, se nos apresenta, o mais negra possível, e a suas, ou as restas de luz que lhe possam vir, estão dependentes da hipótese da candeia que na capital a nossa terra tenha.

(Continua na página 2)

As cerimónias da coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima e o seu regresso à Matriz em procissão majestosa e triunfal!

A manhã do domingo, dia 30 de Outubro, apresentou-se chuvosa e de rigorosa invernã, tal qual como decorreu todo o mês de Outubro, o mês do Rosário, certamente para lembrar a todos os cristãos que, na hora grave e confusa que o mundo vive, a salvação da Humanidade reside apenas no cumprimento fiel da Mensagem de Fátima, mensagem de penitência e de oração.

E como já aqui acentuámos, e por várias vezes, ao noticiarmos como foi comemorada na paróquia de Santa Maria Maior a devoção do mês do Rosário, os barcelenses, ao acompanharem a imagem de Nossa Senhora de Fátima, em grandiosas procissões de velas e ao afluírem em massa às igrejas e capelas da cidade, para ouvirem a palavra de Deus, cumpriram bem, e na sua integridade, a mensagem de Fátima.

As cerimónias marcadas para a tarde de domingo, eram de apoteose e de triunfo. Não havia lugar para chuva.

E realmente não choveu. As cerimónias da coroação da imagem de Nossa Senhora da Fátima da Igreja Matriz, com a rica e artística coroa oferecida por iniciativa das Senhoras de Barcelos e para a qual contribuíram todos os Seus devotos e o Seu regresso, em procissão grandiosa e de glória, à nossa vetusta Colegiada, decorreram com a maior imponência e brilhantismo.

(Continua na página 3)

O Progresso de Barcelos

(Continuação da página 1)

Guimarães tem em Lisboa o Eng. Duarte Amaral. E o resto?

Teremos que estar sujeitos, municipalmente, a estas contingências do acaso e da sorte, ou como antes, nos tempos do meu tio avô, à espera do guindança de um homem ou partido às ante-câmaras do Terreiro do Paço?

A sorte ou o acaso dá a Guimarães um seu filho em Lisboa influente e conviva habitual dos estadistas, como a Barcelos dá um seu filho na chefia e responsabilidade das forças armadas portuguesas.

Se uma terra tem essa sorte, que é sorte e é mero acaso, trepa, desenvolve-se, transforma-se.

Se não... não.

Na nossa terra, terra de pouca sorte até pela sua implantação geográfica na periferia esmagadora e absorvente de outras, em franco desenvolvimento — Viana, Braga, Fimalicão, Póvoa e Esposende — o problema é crucial, e temos tido a inteligência de saber perder todas as oportunidades: Feita do Duplo Centenário de 1940, Comemorações Henriquinas, de Nun'Álvares, etc.

Temos de contar com a total ausência da iniciativa particular.

A simples e primária observação do nosso desenvolvimento industrial, do desvio que tem tido para a cidade do Porto e da *circunstância de força* que levou à criação de novas unidades industriais; a fixação só geográfica e limitadamente económica dos industriais e seus familiares; o limitado desenvolvimento de fontes de receita concelhia, ou desenvolvimento local que possam ter traido novas e ricas organizações agrícolas, demonstram que Barcelos não pode contar, não deve contar com os seus filhos, a quem uma capacidade bafejou para o seu desenvolvimento.

Não precisamos de citar nomes nem de dar exemplos: basta lembrar, quem tenha já tempo para o fazer, o aspecto de um Barcelos com dez, vinte, trinta ou quarenta anos.

Os capitalistas em todas as terras, e em Barcelos também os há, fomentam a riqueza criando novas fontes, fazendo novas construções: aí, na nossa terra, podem as casas, as quintas mudarem de dono, mas o grande surto de desenvolvimento assim não se dá.

Estará o nosso comércio mais forte?

Não é a nós que compete revelá-lo. Cremos que se uma melhoria de nível de vida se verifica — com uma lavoura pobre e uma indústria não rica e mais benéfica pelo número de braços que ocupa do que pelos salários que pode pagar — ela vai abastecer-se e bastar-se fora da terra.

Pobres, menos em belezas naturais, paupérrimos economicamente, sem uma indústria totalmente arraigada à terra, enriquecendo-a e nela se bastando, sem uma iniciativa particular que concorra em servir de exemplo e estímulo, preferindo ainda empobrecer alegremente com a lavoura a procurar uma maior rentabilidade noutros cometimentos, não é a Câmara, nem sempre trabalhando em bloco Presidente, Vereadores e Repartições especializadas por técnicas, que, sem Lisboa, pode contrariar um estado geral que se arrasta.

Eu não sei como é, mas eu que vi o desenvolvimento de Aveiro vi como se fez.

Na avenida foi dado aos proprietários com quintais confinantes com a rua o prazo de um ano para construir. No caso de o não fazerem a Câmara expropriaria os terrenos para os pôr à venda. O dinheiro e as iniciativas apareceram e em 12 meses — 12 meses — a avenida estava completamente construída.

Parece que não é só em Lisboa que se conseguem as coisas.

Mas será só neste plano, ou neste sector que há coisas a fazer?

O orçamento municipal? É uma treta. Foi com o orçamento que a Itália do tempo de Mussolini pôs a dar trigo os pântanos de Littoria? Foi com o orçamento que Braga é o que está ali para quem queira ver como é?

Em Barcelos todos nos queixamos e todos nos atiramos à Câmara: é o pião das nicas.

O que tem feito cada um de nós — proprietários, comerciantes, industriais — em benefício da terra?

E' em Lisboa que se tem conseguido e conseguirá boa parte do progresso: boa parte e não toda a parte.

Onde está, onde se vê demonstrado o tal, apregoado, amor bairrista?

Como é fácil dizê-lo!!!

O Ministro das Corporações e o Grémio do Comércio de Barcelos

O Secretário de Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações, telefonou ao Snr. Artur Basto, presidente do Grémio do Comércio, para em nome do Senhor Ministro felicitá-lo pela Festa organizada por este Organismo Corporativo em comemoração do 27.º aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Também encarregou o Presidente do Grémio do Comércio, para em nome do Senhor Ministro agradecer ao Reverendo Padre Alberto da Rocha Martins, nosso querido Director, o excelente trabalho doutrinário que proferiu naquela encantadora e patriótica Festa.

Novo Engenheiro

Na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto concluiu, com elevada classificação, a sua formatura em Engenharia Electrotécnica, o nosso estimado amigo e conterrâneo Snr. Engenheiro Vítor Manuel Rodrigues de Araújo, filho do nosso prezado amigo e conceituado comerciante da nossa praça Sr. Aníbal Araújo e de sua esposa Snr.ª D. Alice Rodrigues de Araújo.

Jornal de Barcelos felicita o novo engenheiro e toda a sua família e deseja-lhe as maiores felicidades.

CINEMA

O Cine-Teatro Gil Vicente apresenta hoje, às 21,30 horas, a obra prima: A SEDE DO MAL.

A brutalidade da mais estranha vingança num filme de acção e violência.

Com Orson Welles, Joseph Calleia, Akim Tamiriff, Marlene Dietrich e Zsa Gabor.

—No domingo, 13, às 15,30 e às 21,30 horas, um drama fascinante de aventura e amor: AS RAÍZES DO CÉU.

Filmado em sítios misteriosos das selvas. Em CinemaScope e cor luxu.

Com Errol Flynn, Juliette Greco, Trevor Howard, Eddie Albert, etc. Espectáculos para adultos.

O NOSSO MELHOR TESOURO

(Continuação da página 1)

cônditos de Portugal de Aquém e de Além-mar. Não há um único português que, num frêmito de indignação, não se revolte contra tão injustas como falsas afirmações.

Portugal é indivisível e jamais consentirá que, quem quer que seja, separe ou se apodere da menor parcela do seu território, para cuja conservação todos, sem distinção de sexo, ou de idade, darão todo o seu esforço; assim procederam quando tentaram apoderar-se da nossa Índia.

Portugal soube sempre viver, como nenhum outro povo, fraternalmente com todas as raças e com elas se fundiu em todas as partes do Mundo e são os próprios nativos das nossas províncias Ultramarinas, os primeiros a repelirem as calúnias contra nós proferidas na Assembleia das Nações Unidas e a declararem patrioticamente que são e serão sempre portugueses. É este sentimento, esta força espiritual, mais forte do que qualquer outra, que em todos os tempos nos levou e levará à vitória.

Não nos intrometemos na vida dos outros e nunca consentiremos que se intrometam na nossa e perturbem a tranquilidade em que todos vivemos, se bem que nos confranja a sorte daqueles que desejam e têm direito à liberdade e são escravizados pela força bruta do pior dos despotismos.

Porto, 5-11-1960

Uma Obra de Teatro Luso-Espanhola

Em casa do Conselheiro de Imprensa da Embaixada de Espanha em Lisboa, D. Xavier Echarry, foi lida há dias a nova peça «...E a Terra Continua Rodando Indiferente», da autoria dos jornalistas e escritores José Vacondeus e Y. Palason Olivares.

Esta comédia dramática, cujo entredo envolve um conflito da maior actualidade, tem a singular característica, talvez mesmo inédita no meio teatral da Península, de que foi escrita simultaneamente em português e espanhol, em obediência às próprias nacionalidades dos autores.

Para a leitura da versão portuguesa, a efectuar-se brevemente, estão convidados vários escritores e actores portugueses, esperando-se apenas a chegada a Lisboa de um conhecido encenador do País vizinho.

A assistência que enchia a casa do Snr. Xavier Echarry foi unânime em afirmar que a obra tem todas as características para obter um grande êxito.

José Lobarinhas

Na freguesia de Chorenta, a descansar e de visita à sua família, encontra-se o nosso estimado amigo e conterrâneo Snr. José Serra Brito Limpo Lobarinhas, grande industrial no Rio de Janeiro.

Os nossos cumprimentos.

—X—

Na Igreja Matriz

Na Igreja Matriz, na passada sexta feira, primeira do mês, como de costume, de tarde, estiveram confessores a atenderem os numerosos fiéis e às 19 horas, houve missa vespertina e foi distribuída a sagrada comunhão a centenas de pessoas.

No final da missa foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento.

NOVA ALFAIATARIA DE

MARIO VIEIRA

Ex-Empregado do Snr. Eduardo António

Av. Dr. Oliveira Salazar, 24 — 1.º

BARCELOS

(Junto à Casa Sialal)

Os Proprietários do Lagar de Azeite «Santo António»

Participam aos seus Ex.ºs Clientes e Amigos que já se encontra aberto o Lagar, onde ficam a aguardar as suas estimadas ordens.

HIGIENE RENDIMENTO FINA QUALIDADE

eis a trilogia do

LAGAR DE SANTO ANTÓNIO

LARGO DA ESTAÇÃO — BARCELOS

TELEFONES { 82442
82684
82506 p.f.

Laboratório de Análises

Dr.ª Maria Fara Padin Brandão

Licenciada em Farmácia

Largo José Novais, 25-2.º — BARCELOS — Telef. 82614

A coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima

(Continuação da página 1)

A chuva voltou, mas só à noite!

Os católicos barcelenses, os paroquianos de Santa Maria Maior, estão de parabéns, uma vez mais porque cumpriram bem o seu dever.

As cerimónias da Coroação

Pouco depois das 16 horas, a imagem de Nossa Senhora de Fátima foi colocada no adro do Templo do Senhor da Cruz e começaram as cerimónias preparatórias da Coroação. Houve recitação do terço, invocações a Nossa Senhora e o Rev. Prior, pronunciou uma brilhante prática sobre "A Realeza de Maria".

Centenas e centenas de crianças e milhares de fiéis, enchiam por completo o Largo da Porta Nova, fronteiro ao Senhor da Cruz e as janelas e sacadas, donde pendiam lindas colgaduras, estavam também repletas de pessoas.

O capelão da Irmandade do Senhor da Cruz, Rev. Alberto da Rocha Martins benzeu a rica e artística coroa que uma criança, vestida de anjinho, segurava numa salva de prata.

A rica coroa, de ouro e prata, composta de 767 peças e com 110 rosas, depois de benzeida, foi entregue pelo Provedor da Irmandade

de Nossa Senhora de Fátima, dirigida pelo Rev. Prior.

A abrir a procissão a bandeira da Irmandade do Senhor da Cruz, com alguns irmãos. Seguiam-se as confrarias de S. José e de Nossa Senhora do Terço, com bandeiras, e com os respectivos juizes e Mesários. Cruz paroquial, Provedor e Mesários da Irmandade do Senhor da Cruz. Meninos e meninas dos Jardins Infantis de D. António Barroso. Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Um grupo de 24 anjinhos. Educandas das Casas de Santa Maria e do Menino Deus. Virgens com flores e vários grupos de anjos, sendo um dos grupos — Nossa Senhora de Fátima e os três pastorinhos.

À frente do andor de Nossa Senhora de Fátima, a presidir à procissão, o Rev. Alberto da Rocha Martins, ladeado pelos Revs. Párocos de V. F.-S. Martinho, Arcozelo, Barcelinhos, Carvalhal, G.-S. Martinho e capelão de S. José e às lanternas do andor, Irmãos da Irmandade do Senhor da Cruz. Em volta do andor, em cadeia, anjos, figuravam o terço e os mistérios gososos, e atrás numerosos anjinhos, ostentavam escudos com a Ladainha de Nossa Senhora.

Logo atrás do andor de Nossa Senhora, seguia o ilustre Presidente da Câmara, Senhor Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, acompanhado pelos Snrs. Prof. Doutor Nunes de Oliveira, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. Vale de Miranda, vereador do Pelouro da Cultura e Provedor da Santa Casa da Misericórdia e Comendador Filipe José Bandeira, conhecido ourives cinzelador e desenhador, autor da magnífica coroa de honra de Nossa Senhora de Fátima.

Mais atrás um numeroso grupo de Irmãos de S. João de Deus, o Superior dos Franciscanos Capuchinhos, Padre Vítor Oleiros com dois Irmãos, Direcção do Círculo Católico de Operários com o seu estandarte, organismos masculinos da Acção Católica, milhares de pessoas e, a fechar, os Corpos Activos dos Bombeiros de Barcelos e de Barcelinhos, com as suas bandeiras.

Missa campal

A imagem de Nossa Senhora de Fátima atravessou os Largos e Ruas do trajecto da procissão — Largo da Calçada, Rua D. António Barroso, Rua Infante D. Henrique, Largo da Câmara, Rua Duques de Bragança e Rua da Igreja — em verdadeiro triunfo.

As janelas e sacadas encontravam-se lindamente engalanadas e à passagem do andor nunca deixaram de ser lançadas a Nossa Senhora pétalas de flores naturais.

A Padroeira de Portugal e do Mundo, atravessou a Rua D. António Barroso sob uma chuva ininterrupta de pétalas de flores naturais.

Após a chegada à porta principal da Igreja Matriz do andor de Nossa Senhora de Fátima principiou a missa campal, celebrada pelo Rev. José Fernandes da Silva, coadjutor de Arcozelo e dialogada, sob a direcção do Reverendo Prior, pelos milhares de crianças e pessoas que se apinhavam por toda a Rua da Igreja.

Terminada a missa, foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento e, em seguida, a linda imagem de Nossa Senhora de Fátima, regressou à Igreja Matriz.



O Rev. Prior de Barcelos, Padre Alfredo Martins da Rocha, no momento solene da coroação

de do Senhor da Cruz, Snr. Alberto Augusto Guimarães Vale, ao Rev. Prior, padre Alfredo Rocha que a colocou na imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Foi apoteótico o soleníssimo momento da coroação!

Milhares de fiéis vitoriam a Virgem de Fátima, Padroeira de Portugal e do Mundo, dando palmas e agitando lenços. Houve repiques festivos de sinos e subiram ao ar muitas girândolas de foguetes.

A procissão

Organizou-se então a solene e triunfal procissão de regresso à Igreja Matriz da imagem

Nossa Senhora da Ponte

A Confraria de Nossa Senhora da Ponte, para obter meios para a dispendiosa obra do restauro do valioso altar de Nossa Senhora vai apelar para a generosidade dos barcelenses.

Há dias, o ilustre barcelense e grande devoto de Nossa Senhora da Ponte, Snr. Dr. José Barreto de Faria entregou, pessoalmente à Confraria, para as referidas obras, o importante donativo de 500\$00.

É de esperar que os barcelenses, na medida das suas posses, não deixem de contribuir para ajudar a dar realização a uma obra que há muito se impõe.

3 Prédios — Vendem-se

Com 4 inquilinos cada.
Renda anual: 27.600\$00 cada um.
Preço: 450.000\$00.
Informações: R. Dr. Manuel Pais, 16.

Dr.ª D. Maria Angelina Corrêa

Foi colocada no Posto Clínico de Barcelos da Federação de Caixas de Previdência, para especialidade de pediatria, a nossa ilustre conterrânea, Snr.ª Dr.ª D. Maria Angelina Pereira da Silva Corrêa, distinta médica especialista de crianças.

Muitas felicitações.

FALECIMENTOS

Padre Manuel da Silva Pereira

Na sua residência, em Arcozelo, faleceu, no passado dia 18 de Outubro, o Rev. Manuel da Silva Pereira, de 76 anos de idade.

O saudoso extinto era natural de Minhotães mas foi sepultado no cemitério de Arcozelo, freguesia que parouquiu durante muitos anos.

O seu funeral foi muito concorrido.

João José de Carvalho

Nesta cidade, faleceu ante-oncem, o nosso prezado amigo e assinante Snr. João José de Carvalho, comerciante da nossa praça.

A este infausto acontecimento faremos referência no próximo número.

Jornal de Barcelos apresenta às famílias enlutadas as mais sentidas condolências.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Vida Desportiva

Futebol

Gil Vicente, 2 — Marinense, 0

O campo Adelino Ribeiro Novo registou no domingo uma grande enchente. A circunstância de não ter havido jogos da Divisão Maior fez com que se deslocassem à nossa cidade, conhecidos desportistas das terras vizinhas.

O grupo barcelense venceu o grupo visitante que ocupava o segundo lugar da classificação por 2-0, mas, esse resultado, é pouco expressivo para a superioridade evidenciada, especialmente na primeira parte.

Mendonça aos 11 minutos, de cabeça, a concluir um bom passe de Injay pôs a funcionar o marcador. Aos trinta e seis minutos, depois duma série de passes bem delineados entre Marques e Canário, este jogador aproximou-se da rede adversária e, ludibriando o guarda-redes, ao simular um último passe a Mendonça, obteve, de modo magistral, o segundo golo da sua equipa.

Por muita infelicidade, a equipa gilista, perdeu inúmeras ocasiões de golo.

Os visitantes, fisicamente bem constituídos, abusaram de mais do jogo duro mas o árbitro do encontro, nunca deixou de o reprimir.

No segundo tempo, ambos os grupos acusaram o esforço dispendido no primeiro e não houve golos. No entanto, o grupo local, teve várias oportunidades para aumentar o resultado.

No Gil Vicente notou-se a falta de Manuelzinho que não alinhou por se ter lesionado num treino.

Arbitrou, com imparcialidade, Abílio Vilaça, do Porto.

O Gil Vicente alinhou:

Armando; Antunes, Sampedro e Raul; Ferreira e Vieira; Marques, Pepe, Mendonça, Canário e Injay.

Os outros resultados da Zona Norte, foram:

Vianense — Sanjoanense, 1-1
Feirense — U. de Coimbra, 3-4
Boavista — Castelo Branco, 3-1
Oliveirense — Caldas, 2-1
Chaves — Beira Mar, 1-1
Peniche — Torreense, 2-1

No próximo domingo, o Gil Vicente, desloca-se a Castelo Branco.

REVISTAS

COOPERAÇÃO

Recebemos o n.º 54 da revista "Cooperação" — uma revista de Cultura, Informação e Divulgação Técnica.

Este número encerra colaboração de vários escritores e uma secção literária dirigida pelo escritor José de Melo.

A colaboração, dentro de cada especialidade, é muito apreciável. Continua a manter as secções de Selecções, Terras Portuguesas, Ultramar, Economia e Técnica, Trabalho e Previdência, Jornal Magazine, Panorama das Artes e das Letras.

ULTRAMAR

O Número referente aos meses de Outubro — Dezembro da revista ULTRAMAR, quer pela apresentação, quer pela qualidade da colaboração, impõe-se no campo das ideias e da cultura.

Assinam os artigos e estudos personalidades de grande importância. Assim, publicam-se trabalhos de Oliveira Salazar, Dutra Faria, Silva Rego, Marcelo Caetano, Júlio Evangelista, Pereira Neto, Castilho Soares, Silva Cunha, Pedro Correia Marques, Eurico Fonseca, Armindo Monteiro, etc.

Trata-se, pois, de uma publicação de muita categoria.

IMPRENSA

Jornal do Pescador

Com regularidade está a ser publicado o JORNAL DO PESCADOR que encerra colaboração escolhida e oportuna, além de noticiário e informação. No número de Outubro, além de outros assuntos, são tratados estudos relativos à vida e organização dos pescadores.

Notícias de Famalicão

O nosso prezado confrade "Notícias de Famalicão" acaba de enriquecer-se com a publicação de uma página literária dirigida pelo escritor e artista Benjamim Salgado, Pelos assuntos versados, pelo equilíbrio da secção de crítica e pela modalidade adoptada em relação aos problemas da Cultura, das Letras e das Artes merece, quanto a nós, os mais rasgados elogios.

Visitantes ilustres

De visita a alguns parentes e amigos, vimos nesta cidade o Snr. Coronel Jaime Sepúlveda, seu genro Snr. Capitão Manuel Esteves e esposa Senhora D. Julieta Beleza Sepúlveda Esteves, que se faziam ainda acompanhar de sua gentil filhinha a menina Maria Manuela.

César Ferreira Cardoso

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 — BARCELOS

Companhia de Seguros Commercio e Industria

Sede em LISBOA

Avisa todos os proprietários de autos Ligeiros e camiões, que não alterou as taxas destes, que são as seguintes, com todos os encargos e apólice:

Ligeiros — Responsabilidade Civil até 100 contos 654\$20
Pesados — até duas toneladas 972\$70
Até 6,5 toneladas 1.245\$50

Em todos os países da Europa este seguro é obrigatório, com excepção de Portugal e Espanha, que o actual movimento o justifica.

Estes seguros não tendo sinistros têm bónus.

Fazemos seguros em todos os ramos, sendo a única Companhia estabelecida em BARCELOS, com Agentes em todas as freguesias e Delegações nas grandes cidades do País.

Consultem a Delegação em Barcelos, Largo da Porta Nova, 39-1.º, com Telefone 82768 ou os seus Agentes.

Capital e Fundo de Reserva, em 1959: 160.890 000\$00.

Sinistros pagos: 477.251.142\$00

Correio das Aldeias

S. Veríssimo, 1

É de tradição o dia de Finados ser comemorado em conjunto com o dia de todos os Santos, dias de saudade em que toda a gente corre em romagem para o cemitério aonde vão cobrir, com flores, as campas dos seus entes queridos.

As vestes são geralmente negras porque o dia é de luto por aqueles que repousam neste campo santo; aqueles que a morte nos levou ficaram a viver no nosso coração.

Pela tarde adiante centenas de pessoas percorreram o cemitério juntando ao bruxulear das chamas das velas, o carpir dos seus lamentos, a ternura das suas lágrimas, a sublime e comovedora saudade das suas preces.

As homenagens aos finados são o maior elo de solidariedade no pensamento das multidões.

É dia de saudade que jámais brotou dos corações humanos e que não pode sentir-se sem que as lágrimas assomem aos olhos com a lembrança daqueles que a morte arrebatou do nosso convívio.

A procissão, quer de tarde ou de manhã, a que se juntaram muitas centenas de pessoas, percorreu o cemitério tendo o nosso Rev. Pároco feito, no local, uma alocução ao acto, deixando a multidão que aí se encontrava vertendo lágrimas de saudade, rezando, em seguida, os salmos apropriados que o povo acompanhou.

Celebraram-se as missas do costume, às quais se associou todo o povo da freguesia.

— Durante este mês, realiza-se na nossa Igreja o mês das Almas. Bom é que todos comparecessem para assim puderem sufragar as almas daqueles que a morte levou.

— O tempo continua na mesma cepa torta causando aos lavradores bastantes prejuízos.

— Faz anos, no próximo dia 5, o nosso amigo e assinante deste Jornal Sr. Claudino H. C. Lima, digno empregado da Fábrica Barcelense. Do coração lhe desejamos que os faça por muitos anos.

C.

2.000

garrafas do champanhe e outras marcas.

Vende a **CASA ÁGUIA**
 Telefone 82445 - BARCELOS

Máquinas de costura em 2.º mão
 Vende, compra e troca:

Fernando Valério de Carvalho
 Av. Combatentes G. Guerra, 158
 Telefone 82583 - BARCELOS

AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e de horta.

As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ª L.ª
 Telefone 21957
 Rua D. Manuel II, N.º 55
PORTO
 Teleg. Roselandia - Porto
CATALOGOS GRÁTIS

Notícias da Franqueira

Casamentos

No Santuário, realizaram-se os seguintes: de Jorge de Oliveira Cunha com a professora D. Maria Avelina Fontainhas Faria da Graça, ambos de Barcelos; e José Alves Padrão com D. Maria Martins Novais, ambos de Macieira.

Missa votiva

Em 30 de Outubro findo, ao meio dia, celebrou-se uma missa em acção de graças pela saúde do Ex.º Sr. João Duarte, de Barcelos, mandada dizer pela Família.

Motoristas de Praça

Devemos rectificar que as jarras, castiçais e as flores oferecidas a S. Cristóvão foram adquiridas com dinheiro do saldo da última festa ao Santo, para a qual contribuíram motoristas e devotos do concelho.

Missa ao domingo

Num dos últimos domingos, intensamente chuvoso, a assistência à missa foi pequena, mas assim mesmo seis pessoas abeiraram-se da sagrada comunhão. Se mais não houvesse, bastaria este facto para justificar a missa dominical no Santuário.

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a

CASA SOUCASAUX
 TELEFONE 82345

Fotografias — Rádios — Oculos
 Artigos fotográficos, etc.

BARCELOS

Andar — Aluga-se

Em prédio moderno, na Rua Trás-das-Freiras.

5 quartos, casa de jantar, cozinha e dois quartos de banho.

Renda: 600\$00.

Informações, por favor:
 Rua Dr. Manuel Pais, 16.

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — A Sr.ª D. Maria José Sampaio Santos Silva e os Srs. Comendador António Maria Santos da Cunha e Dr. Celso Manuel de Sousa L. Torres.
 Amanhã — Os Snrs. P.º Bonifácio Elias Barbosa Lamela e Manuel da Silva Fins.

Domingo — Os Snrs. Alberto Augusto Guimarães Vale e José Pires Lavado e a menina Maria de Fátima da Cruz Sousa Lima.

Segunda — As Sr.ªs D. Fernanda Augusta Marinho da Silva e D. Arminda Adolfina Roriz Pereira.

Terça — Os Snrs. Luís Maria de Carvalho e Manuel Figueiredo Dantas e os meninos Carlos Eduardo Matos da Silva Corrêa e Francisco José Almeida Sampaio Fernandes.

Quarta — As Sr.ªs D. Maria Amélia Fernandes de Sousa, D. Maria da Paz Fernandes de Faria e D. Júlia Matos Lopes de Almeida e os meninos António Miguel Macedo Coutinho e Guilherme Ferros Pimentel.

Farmácia de Serviço

No próximo domingo, está de serviço permanente a Farmácia LAMELA, na Rua de D. António Barroso.

Doentes

Tem estado doente o nosso prezado amigo Sr. António de Carvalho de Sampaio da Cunha Pimentel, considerado gerente da Dependência de Barcelos do Banco Nacional Ultramarino.

— Continua a obter sensíveis melhoras o nosso estimado amigo Sr. D. Vicente Mahiques Senti, importante industrial da nossa terra.

Fazemos votos pelos seus completos e rápidos restabelecimentos.

FINALMENTE...

GásMobil

CORRÊA & CARDOSO, têm o prazer de comunicar aos seus Ex.ºs Clientes e Amigos que já têm em armazém para entrega imediata **GásMobil**. Mais comunicam que têm pessoal habilitado para prestar toda a assistência técnica que será gratuita.

Peçam desde já para o telefone 82442

GásMobil! GásMobil! GásMobil!

COLCHÕES MOLAFLEX

10 anos de garantia provam a sua eficiência



**MÓVEIS
 TELES**

BARCELOS

BOBINAGENS DE

Motores Eléctricos

Domingos de Jesus Ferreira
 Residência: Rua Faria Barbosa, 26
BARCELOS

PARA PRESENTES...

fixe somente esta Casa:

Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso
 BARCELOS

Sede: Rua 5 de Outubro, 35
 PÓVOA DE VARZIM

Alto-falantes ALUGA-SE

Para abrilhantar as vossas Festas prefiram sempre a Casa

José Fernandes

R. Miguel Miranda, 40 - BARCELINHOS
 Telefone 82245
BARCELOS

Fotografia em todos os géneros

Casa com dois escritórios e dez divisões.

Próprio para escritório e residência, na R. D. António Barroso, antigos consultórios dos Snrs. Drs. Francisco e José António Torres.

A NORTENHA



**VENDE
 COMPRA
 HIPOTECA**

Jorge POSSUI UMA ORGANIZAÇÃO COMPLETA

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO - PRAÇA D. JOÃO I, 25-11 TEL. 26706-30181
 LISBOA - PRAÇA DA ALEGRIA, 58-TEL. 366781-366812

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 82318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

Cossourado na História

Pelo DR. JOSÉ LUÍS FERREIRA

Capela da Cadavosa (Continuação)

(Continuação do número anterior)

Os três viajantes é que não esperaram nada; andaram sempre, que tinham de visitar Braga e o Bom Jesus e a Senhora do Sameiro. Também não tinham que esperar outra coisa, porque o Pai já era casado, havia 19 anos, e já tinha 9 filhos vivos (e 2 anjinhos no céu); e os filhos que acompanhavam na romaria tinham 16 anos, o mais velho, e 14 o mais novo. (Dentro de mais 2 meses, o Pai e os 2 filhos completavam mais um ano cada um, e em menos tempo chegava mais um menino, de França, numa canastrinha).

Pouco depois de contada a história do penedo dos casamentos, estamos em Cabanelas, ao Barco da Graça, onde a estrada Cadavosa não dava passagem a pé enxuto no Cádavo, já dito Cávado. Para a gente havia um barco de fundo chato, só com uma proa (sem popa), que o barqueiro impelia com uma vara de pinho contra o fundo do rio; para carros de bois era uma jangada forte, sobre a qual iam bois e carro.

Chegados à margem esquerda do Cávado (o velho Cádavo), lá fomos os três no carro das duas (das duas pernas), para a hospedaria do Feliciano, na Rua da Cónega, mui próximo da Igreja do Pópulo, onde descansámos e estivemos mais dois dias, para visitarmos a Sé de Braga, a Igreja dos Congregados, S. João da Ponte, etc., e noutro dia o Bom Jesus do Monte (o Senhor do Monte), e o Sameiro.

Como andávamos sempre no carro das duas, observámos atentamente as Capelas dos Passos do Senhor, desde a 1.ª até à última. Como cá o rapaz já tinha quatro anos de Latim, lia e traduzia os versículos das frontarias das capelas; era já um Cicerone de via reduzida. (Mas o Pai lia em casa livros que tratavam daqueles assuntos, guardava na memória frases latinas de prègadores, não era de todo leigo naquele latim).

Vistos o Bom Jesus e o Sameiro (desde 1902, *ho quam mutatus ab illo...!*), regressamos de Braga a horas de chegar a Cossourado antes da meia noite; sempre pela estrada Cadavosa, passámos no Monte Lousado cercado por do Sol, mas o mano António ficava-se um pouco atrasado, apesar de lhe dizermos que andasse mais depressa. Respondia-nos que sim; isto não é engenho de água, para andar sempre e depressa, sem parar.

Chegados à velha ponte de Mondim, deixámos a Estrada Cadavosa, passamos o Neiva para a margem esquerda, e, menos de uma hora depois, estávamos em casa.

Passaram-se já 58 anos, e é no fim disto que nos parece que a estrada velha de Viana do Lima para Braga, porque atravessa o Cádavo, deveria chamar-se Estrada Cadavosa!

Mas da Cadavosa é a invocação de Santa Maria, na capela do lugar de Navió (margem N. ou esquerda do Rio da Neiva), e Cadavosa é o lugar que fica na margem direita do mesmo rio, que se atravessa em ponte de pedra (há 2 para 3 séculos era de pau), Ponte de Cadavosa, do lugar da Cadavosa para Navió!

Mas seria a estrada que daria o nome à Capela de Santa Maria, e que teria também dado o nome ao lugar fronteiro da margem esquerda?

O que é facto é que o lugar é ao S. do Neiva, a capela é ao N., poucos metros acima do rio, e a Estrada Cadavosa, que vem de Balugães, segue para o Barco da Graça, para passar o Cádavo.

Não seria o Cádavo que deu o nome Cadavosa?

Mas parece tanto!

Isto fica para os investigadores competentes averiguarem (se puderem), e para que nossos netos saibam que o Avô das Barbas sonhou com o étimo do topónimo Cadavosa.

Jornal Feminino

DA MULHER PARA A MULHER

A revista portuguesa, que toda a mulher portuguesa deve conhecer!
Moda - Tricot - Culinária - Cinema - Contos - Novelas - Bordados - Beleza, etc.... etc....

Se não conhece esta revista, peça um exemplar à redacção:

Rua D. João IV-904 - PORTO

Depois de conhecê-la, verá que passa a ser nossa assinante

Notícias de Fragoso

Sempre que se aproxima o inverno — e este ano antecipou-se tanto que ninguém se recorda doutro assim — parte da população local começa a chamar a atenção das dignas autoridades para que estas promovam a reparação de todos os caminhos em mau estado e por onde a mesma população é obrigada a transitar na sua labuta diária.

Que aos reclamantes assiste toda a razão ninguém duvida, embora muitas vezes tenham também neste caso grande culpa em não prestarem a colaboração que lhes é pedida por quem de direito.

Em sua defesa alegam, além de outras coisas, que pagam a taxa correspondente à contribuição do trabalho e que por tal motivo se acham isentos dessa colaboração. Para que neste capítulo se possa conseguir na nossa terra um apreciável surto de progresso — e isso é relativamente fácil — têm de se pôr de parte estes preconceitos e ter em mente aquela máxima que diz: «onde todos ajudam (trabalham), nada custa». Nada custa, na verdade. Basta um pouco de boa vontade, puro espírito de compreensão e pronto. Está vencido o pior.

Quanto a nós — eu e o jornal que muito dedicadamente sirvo — estamos incondicionalmente ao lado daqueles que se sacrificam em proveito do bem comum.

Com os derrotistas não enfileiramos.

— Foram bastantes os rapazes que não conseguiram matrícula no curso de aperfeiçoamento agora em actividade nos salões da escola. Estes cursos, que têm lugar todos os dias, à noite, funcionam sob a direcção dos Snrs. professores João Baptista Ferros e Manuel de Sá Elias; enquanto o primeiro não conseguiu matricular duas dezenas de alunos, o segundo atingiu mais de quarenta. E agora? Como resolver o problema?

Um, dispondo de ínfima lotação, e outro, de superlotação.

Era para desejar que quem pudesse, se isso é possível, resolvesse a bem dos rapazes de Fragoso, o problema dos cursos.

— De 19 a 23 de Outubro findo, realizou-se nesta freguesia, o tríduo do Sagrado Coração de Jesus, que a despeito do tempo sempre invernos, as práticas efectuadas

E O DESASTRE DEU-SE...

(Continuação da página 6)

Dois homens, no solo, gritavam de dor... e escoavam-se de sangue.

*

A atrapalhão foi grande. A vila, o hospital, o médico ficavam longe. Às costas, a correr, numa caminhada apressada e aflita, levaram-nos para a vila.

Os sofrimentos aumentavam momento a momento. O sangue tingia as pedras dos caminhos, essas pedras mil vezes calcuadas por eles.

A meio da caminhada, o Henrique abandonava o mundo. Uma mulher e dois filhos, ainda pequenos, chorariam para sempre a perda do marido e do pai.

O Vitorino, por um lado, teve mais sorte. Uns meses no Hospital e a fractura duma das pernas soldada, embora mal. Mais um inválido.

E tudo por falta de cuidado, do desleixo do patrão e dos próprios trabalhadores.

*

Por que não usarem uma escada metálica ou então porque não obrigar os patrões a fazer um exame rigoroso às escadas antes dos seus assalariados as utilizarem?

Um degrau podre e uma vida que se extingue.

Por que não obrigar a usar cintos de segurança?

Evitar-se-iam quedas desastrosas, tantas vezes mortais como a do Henrique, ou inutilizações como a do Vitorino...

E o desastre deu-se... e continuará a dar-se se não houver uma maior prevenção da parte do patrão e também dos próprios assalariados...

Boassas — Outubro de 1960.

de manhã e de tarde tiveram grande assistência de fiéis.

O prègador, que veio da cidade do Porto, agradou muito, tendo deixado em todos a melhor nota de impressão.

Estiveram aqui durante três dias numerosos sacerdotes — alguns de longe — que ministraram o Sacramento da Penitência à quase totalidade do povo desta freguesia.

Como nota saliente desta festividade, há a registar o novo impulso dado pelo prègador ao rejuvenescimento da Liga Eucarística dos Homens, empreendimento iniciado há já alguns anos, mas que agora se encontrava em vias de desfalecimento.

Foram em grande número, felizmente, os novos soldados que in-

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO

Consultório: Campo 5 de Outubro, 14

Consultas das 15 às 18 horas

Telefones } Consultório 82325

Residência 82609

BARCELOS

gressaram nesta Santa Cruzada. Oxalá que a quantidade não desmereça da qualidade.

— Todos os dias, pelas 6 horas, têm lugar na igreja paroquial o Mês das Almas e do Rosário.

A esta piedosa cerimónia tem assistido regular número de fiéis.



Um Sonho... Uma Vida... Uma Presença...

de Alberto da Rocha Martins

«PARA um outro público da província do Minho — desta vez trata-se da gente culta de Barcelos — escreveu o Padre Alberto da Rocha Martins a conferência que intitulou «Um Sonho... Uma Vida... Uma Presença...». Escritor que conhecemos de um largo convívio espiritual, inteligência lúcida e esclarecida, actual e actuante — a sua conferência, ainda que moldada no largo panejamento da História, revela antes de mais nada o escritor que o Padre Alberto da Rocha Martins é e o pedagogo que também é. Na realidade, o que está no cerne deste trabalho e a personalidade do Infante, figura altíssima de uma época de transição e, por isso mesmo, figura síntese. Deste modo, para o autor do trabalho que venho referindo o Infante não é só o produto físico de uma estratificação rática (ainda que isso tenha um valor bem sublinhado) mas sobretudo o fruto de virtudes que estão patentes na sua vida, desde a meninice, virtudes que foram sistematicamente apuradas no crisol familiar em que a sua mentalidade se foi forjando no dia-a-dia. Quando cita Napoleão Bonapart — a propósito da epocalidade da educação — e o imperador dos franceses declara que a educação de um jovem deve começar vinte anos antes de ele nascer, isto significa que grande parte da personalidade do Príncipe do Mar — como lhe chamou Adolfo Simões Muller — começou no casamento de D. João de Avis com Filipa de Lencastre.

Eis pois a lição que o Padre Alberto da Rocha Martins tira desta vida gloriosa: uma lição em que o passado e o presente se fundem para a construção do futuro, esse futuro que foi o que nós somos hoje — como realidade histórica e humana — essa presença que as comemorações henriquinas tornam mais viva e mais patente. Como se vê, a conclusão é perfeitamente actual: até porque nós, como Mac Scheler, acreditamos nas grandes matrizes humanas que moldam o carácter das colectividades. E essa lição de Scheler foi magnificamente aproveitada por este escritor de Barcelos que à cultura local tem dado o melhor da sua inteligência, do seu saber e do seu carinho espiritual. (Barcelos, 1960).»

(Do Diário da Manhã)

«O Padre Alberto da Rocha Martins editou, num pequeno folheto, a conferência que realizou na Assembleia Barcelense, sobre o quinto centenário da morte do Infante D. Henrique, e que intitulou, sugestivamente, de «Um Sonho... Uma Vida... Uma Presença...». E, realmente as três palavras são três pólos da vida de um Homem que se projectou na Eternidade. O sonho da juventude, a vida, sonho realizado, e a presença que os altos feitos lhe conferiram para a posteridade histórica. Estilista e orador, o Padre A. da Rocha Martins reflecte, neste opúsculo, não só uma curiosa maneira clássica de exposição do tema, como ainda facilmente conduz o leitor a uma expectativa aceite perante os altos valores da Nação e da Cristandade.»

(De O Debate)

Tentação Escarlata E O DESASTRE DEU-SE...

de Fernando Luso Soares

TENTACÃO ESCARLATA

é uma carta aberta ao escritor Mário Braga a propósito da sua crítica em «Vértice» ao livro «O Juiz e a Pedra», do escritor Fernando Soares. Tem como subtítulo explicativo a legenda: «com eficácia em cor de burro quando foge».

Lemos «Tentação Escarlata» dum fôlego. É uma página cauterizante, de polémica viva, de estilo acurado, de graça e de encanto.

É uma página empolgante que revela um temperamento emotivo e uma forte e possante personalidade literária.

Conhecíamos Fernando Luso Soares através de páginas de estilo enfeitante, de acuidade psicológica, mas, sinceramente, não lhe conhecíamos a faceta que ora se revela exuberantemente em «Tentação Escarlata». Aqui o polemista aguerrido, que empunha o látego pesado e zurze, sem dó nem piedade, porque o pretenderam desviar do bom caminho e lhe aconselharam outro rumo que é contrário à sua consciência. Quiseram que ele laborasse «em outro húmus ideologicamente mais firme e denso, mais humano...» Fernando Luso Soares não está pelos ajustes, por ter a consciência de escritor que não abdica das suas ideias católicas e da sua personalidade literária, e, por isso, armou-se da força impetuosa do seu raro talento e brilho artístico e escreveu, com emoção impressionante, esta página notável de polémica, que fica na esteira de José Agostinho, Ramalho e Camilo...

A. Rocha Martins

O Romancista Joaquim Paço d'Arcos é o Novo Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores

Substituindo o saudoso historiador Dr. Jaime Cortesão no alto cargo de Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores assumiu essas funções o nosso prezado amigo e notável romancista Joaquim Paço d'Arcos. Pela categoria do novo Presidente, cuja obra o impõe em Portugal e no Estrangeiro, está de parabéns a Sociedade Portuguesa de Escritores.

Cumprimentamos o distinto escritor e desejamos-lhe o melhor êxito no alto cargo que ora ocupa.

O SÁBIO ARQUEÓLOGO

Cónego Aguiar Barreiros

FOI CONDECORADO

No Governo Civil, em Braga, realizou-se, na semana passada, a cerimónia da entrega da Comenda de S. Tiago e Espada ao notável arqueólogo e ilustre professor do Seminário Snr. Cónego Manuel de Aguiar Barreiros.

REPORTAGEM DE FERNANDO SOARES

VEIO Maio. As cerejeiras, ainda há pouco floridas, encheram-se de frutos. Frutos vermelhos... Muitos frutos. Nalgumas, mais frutos que folhas...

— Um bom ano de cerejas, dizem os negociantes. — Boa cereja para a gente de Lisboa, acrescentam os apanhadores, os homens rogados para a sua recolha...

Logo à noite o comboio-correio levará atrelados mais dois ou três vagões, repletos de cabazes para o mercado de Lisboa.

Os pomares estão cheios. Bela promessa de ceifa. E, com a ceifa, o sonho doirado de uns meses de pão para os trabalhadores e a esperança dumas roupas novas para os filhos...

Manhã cedo, ainda o dia vem longe, já os homens se encaminhavam para o pomar distante. Quando vier o sol, eles já hão-de estar a trepar às árvores. A apanha das cerejas é demorada. Tem de ser feita com todo o cuidado para não ser pisada. Depois, mulheres fazem a escolha. As podres, as defeituosas, as menos maduras, vão separadas. Para o cabaz só vai o luxo, o que é bom. Da sua qualidade e até da maneira como se apresenta o cabaz — o enfeite como eles lhe chamam — dependerá o preço.

— Os olhos também comem! — e é bem verdade.

Lançaram-se cabos grossos às pernas das mais compridas para as socar. Socar é prender um ramo para que o apanhador possa andar sobre ele e com o seu peso ele não vergue. O apanhador não se agarra e ambas as mãos colhem os frutos. Aos sítios mais inacessíveis, lançam-se escadas. Escadas compridas de 15 a 20 passadas, porque também há cerejeiras muito altas. O perigo ronda os apanhadores...

Mas, primeiro que o perigo, estão os seus estômagos, as suas fracas vestes, os seus problemas que é preciso resolver. Mas acima de toda a ignorância, o desleixo...

O perigo para eles é um luxo, a que não se podem dar...

A cerejeira era grande. Muito alta e perigosa. Foi preciso lançar cabos a socar os ramos. Os mais ousados treparam para eles. Os menos ousados — o Henrique entre eles — esses preferiram as escadas.

O sol era quente e luminoso. A apanha corria animada. Ouviam-se cantigas, umas que a rádio ensina, outras que os dois grupos folclóricos vizinhos cantam e bailam.

Em baixo, as mulheres escolhiam, apartavam os mais fracos. Os carrejões, os que levariam os cabazes ao comboio, esperavam e impacientavam-se porque a estação fica distante e havia que fazer mais do que uma caminhada...

Até que... um estalido seco se ouviu, uma restolhada entre os ramos...

No solo, dois apanhadores contorciam-se com dores, soltando gritos aflitivos.

Que acontecera?

O Henrique subira confiado a escada e não reparara que, quase no topo, uma passada estava apodrecida. O trabalho estava a correr bem. Depois, ouviu-se aquele estalido seco. O degrau com o peso do Henrique estalara. Fora tão rápido que ele não teve tempo de se agarrar. E na queda arrastara consigo o Vitorino que, num ramo, colhia cerejas com ambas as mãos.

(Continua na página 3)

DEPOIS DA CHUVA...

— Abre a janela, anda, de par em par, e engrandece ao Senhor: que pôs, dia alto, bolhas de luar, em cada flor.

Olha o rio a espumar de vida e a fonte mais contente... E tanta pérola perdida Nessa janela, em frente.

Abre, abre já. Quero também saudar os cravos que reviveram... Mas, cautela — vê: não acordem as nuvens que no céu adormeceram.

Ricardo de Saavedra